



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

VER-TE VERDE: por um sertão em flor¹

Heverton da Silva Guedes – Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Tomando o verde como mote e a paisagem como norte, esta pesquisa se destina a investigar, e imaginar, espacialidades distintas para os sertões contemporâneos do cinema brasileiro. Tramando com *Boi Neon* (2015), de Gabriel Mascaro, e *O Bem Virá* (2020), de Uilma Queiroz, vejo o verde em tela tanto como reorientação estética (Albuquerque Jr., 2014; Prysthon, 2023) de uma paisagem há tanto árida quanto territorialização política (França, 2003; Zan, 2022) de uma imagem há muito esvaziada, é quando me deparo, com brilho nos olhos, com um mundo distinto: colorido, florido.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; paisagem; território; sertão.

1 INTRODUÇÃO

Para começar, pensemos em verde. É que o verde encerra em si, sertão adentro, outro-mundo-inteiro. E é nesse mundo que me interessa penetrar aqui. Não sei vocês, mas para mim, que cresci desce criança sabendo, de *ver*, dois lados de sertão, parece espontâneo pensar um contraponto aquela reiterada imagética, que é a seca, partindo do verde.

E para pensar em verde, uma primeira provocação: verde é polissêmico (Guedes, 2024). Verde para dizer: festa, chuva, inverno, mágica, bênção, beleza... (Sá, 2012). Verde para ver os sertões que só a água traz (Albuquerque Jr., 2014). Verde: alerta à sintaxe incompreendida da caatinga, branca ainda, mas cheia, por inteira, de esperança, de vida. Verde porque sertão tem dois, no mínimo, dois.

E por falar em polissêmico, maior ainda o terreno se tratando de cinema. É que os filmes com os quais converso aqui, *Boi Neon* (2015), de Gabriel Mascaro, e *O Bem Virá* (2020), de Uilma Queiroz, falam de mundos diversos. No primeiro, acompanhamos vaqueiros em sua labuta diária, conduzindo gado pelas estradas; no segundo, assistimos a agricultoras aposentadas serem reunidas por uma fotografia, para relembrar (e celebrar) histórias de vida.

Ambos atendem, de todo modo, a essa minha ânsia por renovação, justificativa onde se assenta esta pesquisa. Sim. Tomando o verde como método, isto é, ponto de partida, e de retorno, para essa provocação que é pensar sertões (plural), utilizando de uma apreciação estética centrada na apreensão sensível da paisagem (Andermann, 2018; Cauquelin, 2007; Prysthon, 2023), venho “tramar” com esses dois títulos à procura de saídas: do mesmo, do estereótipo, do deserto.

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades E Cidadania da XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

2 DO VERDE COMO MÉTODO

O primeiro filme sequer quer chamar o sertão pelo “nome”: *Boi Neon* evoca tipos sertanejos, seus vaqueiros, só para provocá-los com uma paisagem de “novas escalas de sonhos possíveis” (Mascaro, 2017. p. 04), onde tanto é possível que o verde aparece como “paisagem monocromática e industrial” (Mascaro, 2017. p. 04). E, antes que soe incoerente, outra consideração: sendo esse verde investigado aqui, sobretudo, um contraponto aquele sertão feito deserto, ele aglutina imagens-narrativas que destoam da paisagem-seca, diversas e, por vezes, contraditórias, não só entre si, mas também em relação aquilo que, intuitivamente, chamamos de “verde”.

Isso tudo, para dizer: trago um filme com “paisagens industriais” e “monocromáticas” para dizer de verde porque minha necessidade é evidenciar a emergência de certa construção estética oposta ao imaginário mais consagrado (Albuquerque Jr., 2016). Como esse imaginário teima em ver o sertão sempre desocupado, ou, no máximo, em uma urbanidade incipiente, discutir certo sertão urbano-industrial é por si só um movimento atraente, que pretendo apreender aqui, sim, sob a ideia de verde, em sua polissemia, em sua oposição ao “deserto”.

Pensando em oposição, outra importante consideração: verde tem a ver com território. Ainda que os dois filmes trabalhem certa noção territorial, de terra em disputa, de imaginário sob tensão (França, 2003; Zan, 2022), foquemos no segundo. Em *O Bem Virá* (2020) tudo no sertão tem a ver com territorialidade: a procura por protagonismo(s) feminino(s) em um contexto de reivindicação agrária evidencia a terra como instância eminentemente política; a memória como dispositivo-disparador e fio condutor da narrativa cristaliza o passado como base de pertencimento; a paisagem chovida e a gente esclarecida faz ver o verde como compromisso, ético e estético.

Pensando junto de *Bem*, uma última consideração: verde faz ver território. Daí a oposição ao deserto: distante de uma narrativa saturada, o verde é polissemia, de vozes, de cores... diferente de “vazio”, o sertão é *convívio*. Daí, a instância territorial: verde faz chover as potencialidades de uma terra há tanto silenciada, faz ver vida onde antes só havia partida, faz rever a paisagem à vista.

3 DA PAISAGEM COMO REFERÊNCIA

Paisagem é como “pensa” a visão, ou, melhor, é como se ordena, visível e sensivelmente (Andermann, 2018), o mundo à nossa vista. Ela é gesto de inscrição, ato de artifício (Cauquelin, 2007), talho e recorte (Prysthon, 2023), tem a ver com o quadro e com a janela, com a moldura e com a tela, por isso, bem por isso, permite melhor perceber os olhares que historicamente e incessantemente se acumulam sobre os lugares ao longo do tempo e do espaço, cheios de sentidos, carregados de significados.

Paisagem permite pensar, portanto, não só o que há de arraigado sobre dado pedaço, mas também, o que surge ali de fissura, de ruptura, por isso, eis aí nossa referência. Sim, se o verde é método para rever sertões, a paisagem é certamente uma referência importante para aprender e apreender o que vem junto dessa *revisão*: permite perceber as reacomodações que surgem e as reformulações, visíveis e sensíveis, que elas sugerem.

4 CONCLUSÃO

Diante disso, o verde me desperta. É que ao *ethos* sertanejo, acostumado a ver, desde cedo, os dois lados de um mundo “mesmo”, assistir a uma paisagem-sempre-seca incomoda pela incompletude, como se faltasse algo ali, engolido pelo vazio, abocanhado pelo árido. Afinal: onde está a morada, “a fartura dos quintais, a partilha e a generosidade das roças das avós” (Moreira, 2019. p. 358)?

Pensar em verde é provocar construções datadas de tão reiteradas, é evocar sertões potentes de tão distintos, é tensionar a paisagem, é territorializar a imagem. Território porque o verde precisa ser disputado, verde porque a disputa precisa ser territorial. Para lembrar que a escolha pela sempre-seca é política, que ela alimenta imaginários enquanto amordaça sujeitos.

Assim, se território é disputa de poder (Zan, 2022), se cinema é território de imaginário (França, 2003), é interessante, mais, é urgente esverdear a paisagem sertaneja em nosso cinema: para esperarçar esta gente (Guedes, 2024). Para lembrá-la, como faz *Bem*, que seca é diferente de estiagem, que açudes podem durar décadas... ou, como faz *Boi*, que vaqueiros podem gostar de “coisa boa”, que vaqueiros podem, inclusive, ser também qualquer outra coisa... Acontece que o contato com a paisagem pode ser celebrada, que o convívio com o semiárido pode ser pacífico, que o cinema sobre sertões *deve* ser distinto.

Referências

ANDERMANN, Jens. **Tierras en trance**: arte y naturaleza después del paisaje. Santiago de Chile: Ediciones Metales Pesados, 2018.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Vede sertão, verdes sertões: cinema, fotografia e literatura na construção de outras paisagens nordestinas. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 13 n. 1. jan./jun. 2016. p. 01-27. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/690>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Boi Neon. MASCARO, Gabriel. Brasil: 2015. 101 minutos.

O Bem Virá. QUEIROZ, Uilma. 2020. 80 minutos.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANÇA, Andrea. **Terras e fronteiras no cinema político contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GUEDES, Heverton da Silva. O bem virá: esverdear retratos para esperar paisagens. In: MELO, C. T. V.; WELLER, F.; RODRIGUES, L. R. A.; COSTA, M. R.. (Org.). **Pensar o Documentário** (Vol. 4). São José dos Pinhais: Editora Estronho, 2024, v. 4, p. 237-253.

MASCARO, Gabriel. **Boi neon**. México: Los cuadernos de cinema 23, 2017.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos**: rupturas e continuidades no semiárido. Salvador: Eduneb; Edufba. 2018.

PRYSTHON, Angela. **Recortes do mundo**: espaço e paisagem no cinema. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

SÁ, Xico. A festa da primeira chuva ou quando a seca verde tingiu minhas ilusões de ótica. In: JORDÃO, F. **Sertão verde**: paisagens. Recife: s.n., n.p.

ZAN, Vitor. Espaço, lugar e território no cinema. **Galáxia**, v. 47, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202255455>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/hLj4WjhcqvDtMCgwnkPjndd/?lang=pt>. Acesso em: 4 jul. 2025.